



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 2 | MAIO-AGO 2024

LÉXICO DO ÓDIO E A PRODUÇÃO DE MEMES: UM ESTUDO À LUZ DA LINGUÍSTICA COGNITIVA



LEXICON OF HATE AND THE PRODUCTION OF MEMES: A STUDY IN LIGHT OF COGNITIVE LINGUISTICS

João Victhor Alves da SILVA
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Cryсна Bomjardim da Silva CARMO
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA

RECEBIDO EM 30/01/2024 • APROVADO EM 15/08/2024

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1511>

Resumo

Este estudo objetiva discutir a função dos itens lexicais pejorativos referentes aos partidos e/ou políticos de esquerda na criação de *memes* que alimentam o discurso de ódio na cena política brasileira. Para tanto, cumpre o seguinte percurso: (i) identifica os itens lexicais que recuperam anafórica e pejorativamente partidos e/ou políticos de esquerda; (ii) captura *memes* cuja construção partem desses itens lexicais em foco; por fim, (iii) explicita as operações cognitivas envolvidas na criação de *memes*, tendo em vista os insumos advindos dos itens lexicais pejorativos referentes aos partidos e/ou políticos de esquerda. Como orientação teórica, este estudo reúne os trabalhos sobre Discurso de Ódio (Schäfer,

Leivas e Santos, 2015), *Memificação* do ódio (Solano, 2018), Linguística Cognitiva (Chiavegatto, 2009; Salomão, 1999; Miranda, 1999), Semântica de Frames (Filmore, 1977; Ferrari, 2013); Léxico (Antunes, 2012; Laroca, 2003) e *Meme* (Marcuschi, 2002, 2008; Costa, 2005; Candido; Gomes, 2015). Como orientação metodológica, adota-se os princípios da Linguística de *Corpus* (Sardinha, 2000). Os dados para a compilação do corpus são extraídos da obra *O País dos Petralhas* (Azevedo, 2008). Os resultados apontam para o Macroframe POLÍTICA como orientador do corpus. Para a construção do discurso de ódio, uma das estratégias encontradas foi a criação de neologismos para identificar agentes políticos de Esquerda. Em ordem de frequência, temos: petralha, esquerdopata, petralhantra, petralhotário, petralhada, esquerdofrênico, esquerdota. Para a produção de memes, na Internet destaca-se os termos petralha e esquerdopata. Cabe salientar que, tanto o discurso de ódio quanto o processo de memificação do ódio, partem do signo linguístico, sendo assim, os estudos da linguagem humana tem papel fundamental na identificação e funcionamento dessas estratégias. Logo, precisamos estar atentos, haja vista a defesa de uma arena pública mais segura para todos.

Abstract

This study aims to discuss the function of pejorative lexical items referring to left-wing parties and/or politicians in the creation of memes that fuel hate speech in the Brazilian political scene. To this end, it the following order: (i) identifies the lexical items that anaphorically and pejoratively recover left-wing parties and/or politicians; (ii) captures memes whose construction starts from these lexical items in focus; finally, (iii) explains the cognitive operations involved in creating memes, taking into account the inputs coming from pejorative lexical items referring to left-wing parties and/or politicians. As a theoretical orientation, this study brings together works on *Hate Speech* (Schäfer, Leivas and Santos, 2015), *Memification of Hate* (Solano, 2018), Cognitive Linguistics (Chiavegatto, 2009; Salomão, 1999; Miranda, 1999), Semantics of Frames (Filmore, 1977; Ferrari, 2013); Lexicon (Antunes, 2012; Laroca, 2003) and *Meme* (Marcuschi, 2002, 2008; Costa, 2005; Candido; Gomes, 2015). As methodological guidance, the principles of Corpus Linguistics (Sardinha, 2000) are adopted. The data for compiling the corpus are extracted from the work *O País dos Petralhas* (Azevedo, 2008). The results point to the POLÍTICA Macroframe as guiding the corpus. To construct hate speech, one of the strategies found was the creation of neologisms to identify Left-wing political agents. In order of frequency, we have: petralha, esquerdopata, petralhantra, petralhotário, petralhada, esquerdofrênico, esquerdota. For the production of memes, the terms petralha e esquerdopata stand out on the Internet. It is worth noting that both hate speech and the hate memification process start from the linguistic sign, therefore, studies of human language play a fundamental role in the identification and functioning of these strategies. Therefore, we need to be attentive, in order to defend a safer public arena for everyone.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Léxico do ódio. Discurso de ódio. Meme. Linguística Cognitiva. Linguística de Corpus.

Keywords: Lexicon of hate. Hate speech. Memes. Cognitive Linguistics. Corpus Linguistics.

Introdução

Embora o fenômeno do discurso de ódio não seja novidade, esse tipo de discurso passou a ser utilizado como estratégia política no Brasil e ganhou força nos últimos anos, sobretudo porque veio atrelado às tecnologias de comunicação e informação recentes, configurando um processo que a socióloga e professora da USP, Esther Solano (2018), definiu como *memificação do ódio*. Nesse contexto, este estudo objetiva discutir a função dos itens lexicais pejorativos referentes aos partidos e/ou políticos de esquerda na criação de *memes* que alimentam o discurso de ódio na cena política brasileira. Para tanto, cumpre o seguinte percurso: (i) identifica os itens lexicais que recuperam anafórica e pejorativamente partidos e/ou políticos de esquerda; (ii) captura *memes* cuja construção partem desses itens lexicais em foco; por fim, (iii) explicita as operações cognitivas envolvidas na criação de *memes*, tendo em vista os insumos advindos desses itens lexicais. Como orientação teórica, esta pesquisa adota estudos sobre Discurso de Ódio (Schafer, Leivas & Santos, 2015), *Memificação do ódio* (Solano, 2018), Linguística Cognitiva (Chiavegatto, 2009; Salomão, 1999; Miranda, 1999), Semântica de Frames (Fillmore, 1977; Ferrari, 2013); Léxico (Antunes, 2012; Laroca, 2003, Carmo, 2005) e *Meme* (Marcuschi, 2002, 2008; Costa, 2005; Candido; Gomes, 2015). Como orientação metodológica, guia-se pelos princípios da Linguística de *Corpus* (Sardinha, 2000). Nesse contexto, adota o *AntConc* (Anthony, 2020) como ferramenta de manipulação do *corpus*, o qual é compilado a partir da obra *O País dos Petralhas* (Azevedo, 2008). Os *memes* selecionados para este estudos são extraídos na plataforma *Google Imagens*.

Pressupostos teóricos

Para realizar este estudo, a seguir, apresentamos o corpo teórico que o orienta: a *memificação do ódio* (Solano, 2018) e a apresentação da Lei 13.834 (Código Penal Brasileiro, 2022, Art. 138-140), que enquadra esse tipo de discurso como uma prática ilegal. Em seguida, os pressupostos da Linguística Cognitiva – enfocando o conceito de Frame (Silva, 1997; Chiavegatto, 2009; Fillmore, 1977); os princípios de funcionamento do componente lexical (Antunes, 2012; Laroca, 2003; Alves, 1984; Basílio, 1997); e, por fim, o meme, gênero textual precipitado dentro do ambiente virtual (Marcuschi, 2002, 2008; Costa, 2005; Candido; Gomes, 2015).

O discurso e a memificação do ódio como estratégias política no Brasil

Na última década, acompanhamos o *ódio*, enquanto afeto, sendo elevado à condição de categoria política, dentro de uma arena pública cuja disputa foi drasticamente polarizada com a ascensão da Extrema Direita no Brasil (Solano, 2018; Dunker, 2022). Dentre as estratégias alicerçadas por esse ódio, destaca-se neste estudo o *discurso de ódio* e a produção de *memes* em sua propagação nas redes digitais, desencadeando um fenômeno definido como *memificação do ódio*.

O discurso de ódio, em linhas gerais, pode ser entendido como um tipo de violência verbal sustentada, especialmente, na não-aceitação das diferenças. Embora não haja uma definição universal, esse tema foi tratado com rigor dentro da *Convenção Interamericana contra Toda Forma de Discriminação* ocorrida no ano de 2013 (Schafer, Leivas & Santos, 2015). No Brasil, esse fenômeno ganhou proeminência após as manifestações populares que ficaram conhecidas como *As Jornadas de Junho de 2013*, contra o governo da então Presidenta Dilma Rousseff. A rede social *Facebook* não só foi utilizada para convocar as manifestações, como também foi utilizado como propagador desse discurso (Dias, 2022). Naquele momento, esse tipo de estratégia foi utilizada para enquadrar, não apenas o governo da ex-Presidenta, mas também o Partido dos Trabalhadores (PT), seus filiados e simpatizantes. Contudo, esse fenômeno do discurso de ódio ganhou musculatura nas eleições para presidência da República em 2018, com a incorporação de outras plataformas digitais – especialmente o *whatsapp* (Scofield; Fonseca, 2022). Aquilo que começou direcionado para uma governante e um partido político se espalhou para outros campos da vida pública, a exemplo do funcionamento da Democracia como regime político, Constituição Federal de 1988, educação, universidades, minorias de todas as ordens, religiões de matriz africana, etc.

Dentre as estratégias do discurso de ódio, este estudo destaca a produção de *memes*, ou seja, “qualquer conceito propagado através da *internet*, independentemente da forma, podendo ser, por exemplo, uma imagem, um vídeo, um áudio ou até mesmo uma palavra ou uma frase” (Candido e Gomes, 2015, p. 1295). Em outras palavras, ainda que o discurso de ódio não seja novidade, essa estratégia política ganhou força nos últimos anos, sobretudo porque veio atrelada às tecnologias de comunicação e informação recentes, configurando um processo que Esther Solano (2018) definiu como memificação do ódio: ações linguísticas de agentes políticos que propagam discursos de ódio na sociedade por meio de *memes* para alcançar um número significativo de pessoas via meios digitais (Solano, 2018). Essa estratégia política consiste em criar *links* e engajar sujeitos que se sentem abandonados pelo poder público, dividem uma perspectiva conservadora política e cultural de mundo – ou seja, pessoas que se orientam por aquilo que se convencionou como *pauta de costumes*)¹, tendo em vista o estabelecimento de uma ação comum, a exemplo da divulgação, via redes sociais, de discursos odiosos contra àqueles que pensam diferente.

Para concluir essa seção, vale lembrar que este estudo busca identificar os itens lexicais pejorativos, referentes aos partidários e/ou políticos de esquerda do Brasil, que servem de insumo para a criação de *memes* que alimentam o discurso de ódio. Para tanto, parte do pressuposto de que estes itens evocam a noção cognitiva de Frames semânticos, ou seja, sistemas de conhecimento que esquematiza as nossas experiências cotidianas e que dão sustentação às nossas

¹ Conforme Guimarães e Braga (2020), essa pauta envolve valores conservadores, associados a uma moral específica da “família tradicional”, traduzida pelo protestantismo religioso praticado nas igrejas evangélicas, a qual encontra expressão política na chamada “bancada da Bíblia” e combate as demandas das lutas identitárias. Nesse contexto, envolve valores do militarismo e da meritocracia social.

manifestações linguísticas. Antes de tratarmos desses construtos, cabe explicitar os princípios que os sustentam nos termos da Linguística Cognitiva.

Princípios da Linguística Cognitiva

Para a Linguística Cognitiva (LC), a língua é um meio de conhecimento que nos conecta diretamente com a experiência humana no mundo. Nesse sentido, todas as unidades que compõem a estrutura linguística não são interpretadas como unidades autônomas que funcionam a partir da soma de suas partes, mas como “manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceitual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual” (Silva, 1997, p. 01). Em outras palavras, o que produzimos como linguagem é resultado das experiências diretas que vivenciamos e compartilhamos nas interações interpessoais que participamos com os outros no mundo – logo, na sociedade. Sendo assim, a linguagem pode ser compreendida como um fenômeno estruturado, mas ao mesmo tempo maleável, pois não apenas compõe como se adequa às nossas necessidades comunicativas (Chiavegatto, 2009). Nesse contexto, a produção da linguagem é possível graças à percepção e raciocínio que estabelecemos entre fatores internos e externos, haja vista, inclusive os princípios de partilhamento dos processos de significação, os quais são armazenados na memória individual e coletiva. Nos termos de Neusa Salim Miranda (1999):

Firmado a partir da sustentação do caráter social da cognição humana, o princípio do partilhamento nos processos de significação põe em relevo a participação dos interactantes. O sentido não seria, pois, uma propriedade intrínseca da linguagem, mas o resultado de uma atividade conjunta que presume cooperação, consentimento. Em outros termos, significa dizer que a linguagem é conhecimento para o outro, que o sentido é uma construção situada no jogo, no drama da interação. É assim, pois, que informações idênticas podem ser processadas de modo distinto em contextos diferentes. (Salim, 1999, p. 58):

Assim sendo, essa perspectiva explica como itens lexicais podem processar significados diferentes em cenários distintos. Isso ocorre tanto pela *escassez da forma linguística* (Salomão, 1999) – a nossa memória de curto e de longo prazo, não dão conta de armazenar todas as palavras de nossa língua, quanto pelas características partilhadas dos processos de significação (Miranda, 1999) – os nossos encontros ocorrem sempre dentro de situações comunicativas marcadas por *scripts* conhecidos. Para ilustrar tais princípios, tomemos a palavra “rede”, em expressões como *rede social*, *rede de esgoto*, *rede de pesca* que, embora evoquem cenas distintas, em todos temos a noção de conectividade. Por isso, quando usamos um item linguístico, não evocamos apenas uma forma, evocamos uma cena inteira. (Salomão, 1999; Miranda, 1999). Em linhas gerais, a LC define essas cenas como *frames semânticos* – conceito que discutiremos na próxima seção.

Teoria de Frames

De certo, a construção de significados, o conjunto de conhecimentos que temos, acerca de nossas interações em sociedade, depende muito das estruturas de armazenamento, presentes em nossas mentes, na forma de sistemas cognitivos (memória, imaginação, percepção, linguagem, etc). Afinal, é através dessas estruturas que construímos o acervo de conhecimentos e elaboramos idealizações sobre aspectos que compõem o mundo que conhecemos. Conforme Chisman e Minghelli (2013):

Entende-se que o significado de uma palavra não pode ser tomado, independentemente do vasto repositório do conhecimento enciclopédico ou de mundo ao qual está vinculado, pois ele está fundamentado na interação homem-homem e homem-mundo, na interação e no experiencialismo, na experiência social e física. (Chisman e Minghelli, 2013, p. 135).

Nesse contexto, os sentidos que construímos nas diversas relações que estabelecemos com os outros e com o mundo, organizam-se em estruturas semânticas que internalizamos cognitivamente. Portanto, são estruturas recorrentes, as quais são evocadas e entendidas de nossas vivências sociais. Dentro da LC, tais estruturas são denominadas de *frames*. De acordo com Charles Fillmore (1977), seu proponente, um *frame* “designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e que é organizado a partir da esquematização de nossas experiências diárias” (Ferrari, 2013, p. 50). Em outras palavras, a construção de sentido de nossos enunciados sempre está atrelado a uma estrutura de conhecimento a qual é responsável por delimitar o contexto em que o sentido das relações gramaticais é estabelecido. Essa estrutura contextual preexistente, nos termos de *frames*, é evocada a partir de determinados itens linguísticos, os quais definem as relações estabelecidas dentro dessas estruturas. Para efeitos de exemplificação, tomemos o frame TRANSAÇÃO-COMERCIAL na Figura 1, exemplo de Fillmore (1977), sistematizado por Paulo Henrique Duque (2015):

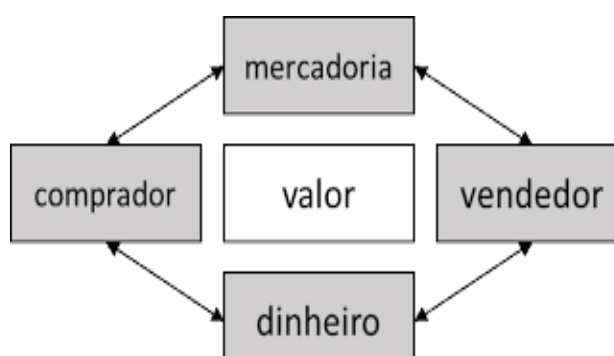


Figura 1 – Representação gráfica do frame TRANSAÇÃO-COMERCIAL.
Fonte: Duque (2015, p. 30).

Como podemos observar, acima, o frame TRANSAÇÃO-COMERCIAL é constituído por cinco papéis fundamentais, em sentido horário: COMPRADOR, VENDEDOR, MERCADORIA, VENDEDOR, DINHEIRO, COMPRADOR e VALOR. Cada um deles evocam relações específicas. Conforme Duque (2015), temos os seguintes circuitos:

	Papel 1	Relação 1	Papel 2	Relação 2	Papel 3
Perspectivação do frame	MERCADORIA	é	VALOR	-	-
	VALOR	é	DINHEIRO	-	-
Estado 1	COMPRADOR	possui	DINHEIRO	-	-
	VENDEDOR	possui	MERCADORIA	-	-
Estado 2	COMPRADOR	deseja	MERCADORIA	-	-
	VENDEDOR	deseja	DINHEIRO	-	-
Ação	COMPRADOR	dá	DINHEIRO	ao	VENDEDOR
	VENDEDOR	dá	MERCADORIA	ao	COMPRADOR
Estado 3	VENDEDOR	possui	DINHEIRO	-	-
	COMPRADOR	possui	MERCADORIA	-	-

Quadro 1 – Relações entre papéis do Frame TRANSAÇÃO COMERCIAL.

Fonte: Duque (2015, p. 30).

No Quadro 1, temos as relações estabelecidas pelos papéis presentes no Frame TRANSAÇÃO-COMERCIAL. Conforme Duque (2015), podemos identificar a estrutura de evento e a ação delimitada por estados: 1, 2 e 3. Contudo, ainda dentro desse, podemos identificar ainda a ação de transferência que evoca outros frames, a exemplo da TRANSFERÊNCIA-DE-POSSE (*João emprestou/deu/entregou o livro para Joaquim.*). O autor ressalva que “muitas vezes é difícil identificar os papéis que integram um *frame* por se confundirem com informações de fundo ou com eventos em si.” (Duque, 2015, p. 31)

Contudo, mesmo com esses significados estruturados em nossa mente via *frames*, cabe ressaltar que esse conhecimento é dinâmico. Nesse movimento, tanto podemos dar valor positivo ou negativo sobre as coisas, quanto associar esses valores a outras situações. Assim, construímos ações linguísticas em campos mais amplos e diversos, ressignificando relações nas quais estamos inseridos: uma dessas dimensões são os discursos veiculadores de visões de mundo – a exemplo da política. Para Miranda (1999, p. 80), “o envolver do discurso suscita um jogo de complexas construções cognitivas. Essas construções incluem domínios (conjuntos de conhecimentos estruturados) que podem ser de duas naturezas: *domínios estáveis* e *domínios locais*”. Os primeiros estruturam a memória pessoal ou social, embora estáveis não são estáticos, como conhecimentos prévios estruturam internamente os domínios locais, os quais podem ser alterados ou elaborados nas construções em processo (Miranda, 1999). São os domínios estáveis que caracterizam os frames. Nesse contexto, podemos afirmar que os sentidos das palavras estão amparados nesses últimos. Conforme Lilian Ferrari (2013, p. 51):

O significado das palavras é subordinado a frames. Assim, a interpretação de uma determinada palavra, ou de um conjunto de palavras, requer o acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da

experiência humana, considerando-se bases físicas e culturais dessa experiência.

Para efeitos de demonstração, tomemos a seguinte manchete: “*Guerra divide em grupos internos tanto petistas quanto bolsonaristas.*”. Nessa ocorrência, itens como *petista* ou *bolsonarista* remetem ao frame POLÍTICA. No atual contexto, esses itens lexicais evocam duas posições opostas dentro do contínuo político-ideológico do país.

O componente lexical

Conforme Irlandé Antunes (2012), o Léxico de uma língua constitui, ao lado da Morfossintaxe e da Fonologia, um dos componentes que configuram a estrutura linguística, sendo o responsável por armazenar o conjunto do repertório de palavras de uma língua. Contudo, sua função não é tão simples. Sabemos que a relação entre as palavras e as coisas do mundo não se dá de forma direta, ou seja, a língua é um elo intermediário entre os sujeitos e o mundo. Nos termos de Antunes (2012, 28), “essa relação se dá entre as categorias cognitivas que construímos das coisas ao longo de nossa experiência e as palavras de que a língua vai dispor para expressar categorias. As palavras são a representação linguística dessas categorias cognitivas que construímos e armazenamos.” A autora ainda afirma que “o léxico não pode ser pensado à margem da cognição social”, ou seja, cada palavra que armazenamos é resultado de nossa interação no mundo junto com os outros sujeitos. Dessa forma, cada item lexical é um “artefato” que nos permite fazer ações conjuntas, já que apontamos para o mesmo objeto no mundo – concreto ou abstrato. Além disso, o léxico funciona como uma memória dinâmica, acompanhando as mudanças do mundo humano.

Contudo, é preciso observar que o léxico abriga dois tipos de unidades: (1) lexicais – remetem à referentes do mundo extralinguístico (mundo da experiência), caracteriza-se por ser um inventário aberto, logo apresenta frequências variáveis; (2) gramaticais – remetem aos referentes responsáveis por estabelecer as relações entre os constituintes do interior do sistema linguístico, caracteriza-se por ser um inventário fechado (não podem ser criados), apresenta altos índices de frequência. As primeiras dizem respeito aos substantivos, adjetivos, verbos, logo, envolvem processos de formação de palavras; ao passo que as últimas envolvem artigos, pronomes, preposições, advérbios, conjunções, envolvem processos flexionais (Antunes, 2012). Cabe ressaltar que essa distinção, como qualquer dicotomia relativa ao funcionamento linguístico, não é absoluta. Por exemplo: a classe de advérbio não é aberta, contudo podemos criá-los a partir da inserção do sufixo *-mente* como em *rigorosamente* (Laroca, 2003). No entanto, não aceitamos formações como **azulmente*. (Jackendoff, 2002, *apud* Carmo, 2005).

Como nesse estudo o foco são as unidades lexicais, já que são elas que fazem referência ao mundo extralinguístico, vale ressaltar que os sistemas linguísticos dispõem de mecanismos de expansão lexical por meio de *processos de formação de palavras*. De acordo com Laroca (2003), esses processos envolvem: *derivação* (prefixal, sufixal, parassintética), *composição* (vocabular, sintagmática), *redução*

(vocabular, sintagmática), *reduplicação* (onomatopeia), *recursos semânticos* (extensões de sentido via metáforas e metonímias).

Destacamos que as formas recentes, que surgem em uma língua, são chamadas de *neologismos*. Conforme Ieda Maria Alves (1984, p.119), “neologismo constitui uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova que se atribui a uma palavra já existente ou, então, um termo recentemente emprestado a um outro código linguístico”. De outro modo, são formas linguísticas usadas pelos falantes, mas que ainda não se encontram formalmente dicionarizadas em um dado sistema linguístico. Vale ressaltar que essas formas novas são criadas respeitando os processos de formação de palavras. Para concluir essa seção, destacamos ainda a *analogia* como processo de expansão lexical, a qual parte da associação entre formas novas e antigas. Mais do que um linguístico, a analogia é um mecanismo cognitivo (Basílio, 1997).

O meme como gênero textual

Vivemos em uma sociedade socialmente letrada. Todas as instituições, bem como as interações que realizamos no interior dela, exigem de nós um tipo de “texto”, ou seja, um comportamento linguístico, executado através da fala, da escrita ou ambos. Em tempos de evoluções tecnológicas e o advento da internet, diversos tipos de outros textos, com características multimodais, surgiram. Hoje, vivemos uma vida real e outra virtual e cada uma exige de nós comportamentos textuais específicos. Mais que textos, essas manifestações são práticas sociais que realizamos por meio da língua, as quais são definidas nos termos de “gêneros textuais”. Conforme Marcuschi (2002, p. 25), “gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Em outras palavras, tudo que realizamos via comunicação verbal é por meio de um gênero – estruturados por um texto obrigatoriamente. Na modalidade oral, podemos citar: aula, sermão, conversa informal, audiência judicial e etc. Na modalidade escrita, como exemplos, temos: acórdão, declaração, anúncio, notícia, cartaz e outros.

Diante disso, podemos afirmar que os gêneros textuais surgem das necessidades comunicativas dos falantes ao longo do tempo, tendo em vista as relações interacionais entre indivíduos no interior da sociedade (Marcuschi, 2008). Assim, quanto mais evolui uma sociedade, evoluem os meios de comunicação e de interação, logo novos gêneros vão surgindo para atender as novas necessidades sociocomunicativas. Nesse contexto, destacamos aqueles que surgiram dentro da *Internet: os gêneros digitais*. Esses novos gêneros, além de modificarem o sentido da leitura, já que esta não ocorre de forma linear, agora, nos obrigam a “navegar”, uma vez que o texto escrito apresenta uma forma multimodal, muitas vezes atravessadas por *links*. Em outras palavras, à escrita pode vir acoplada *emojis*, imagens, *gifs* (*graphics interchange format*), movimento, vídeos, músicas e etc. (Costa, 2005). Como exemplos, podemos citar: *fanfic* (*fanfiction*), *wiki*, *blog*, *vlog*, *e-mail*, *chat*, *podcast* e *memes* – objeto desta pesquisa.

Embora a maior parte de nós conheça a palavra meme² por meio da Internet, sobretudo dentro das redes sociais, tais como Facebook, Instagram e Whatsapp. Por meio das ocorrências de imagens, *gifs*, vídeos, atravessados por algum tipo de humor, esses memes se espalham de forma viral. Contudo, este termo foi utilizado primeiramente pelo biólogo *Richard Dawkins*³, em seu livro *O Gene Egoísta (The Selfish Gene - 1976)*, conforme suas palavras:

Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozóides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no "fundo" de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. Se um cientista ouve ou lê uma idéia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a idéia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, a si própria, espalhando-se de cérebro a cérebro (...) os memes devem ser considerados como estruturas vivas, não apenas metafórica, mas tecnicamente. (Dawkins, 1976, p. 122-3).

Essa perspectiva do meme como transferência de ideias, via repetição, de pessoa para pessoa, migra como um dos traços que marcam o *gênero digital*. De acordo com Candido e Gomes (2015, p. 1295), o meme pode ser definido como “qualquer conceito propagado através da internet, independentemente da forma, podendo ser, por exemplo, uma imagem, um vídeo, um áudio ou até mesmo uma palavra ou uma frase”. No entanto, é essencial frisar que, para o meme ser compreendido, os interlocutores precisam ter conhecimento do contexto de sua produção, caso contrário, o texto do/no meme será interpretado de maneira equivocada ou sequer interpretado. Ainda de acordo com os autores, “memes podem surgir das mais variadas formas: desde um fato marcante até mesmo uma simples fotografia de um artista conhecido. A ideia trazida por eles é facilmente compreendida por aqueles que estão inseridos no ambiente comunicacional dos meios digitais” (Candido; Gomes, 2015, p. 1296). Ou seja, os interlocutores que acessam os memes precisam não só conhecer os inputs externos (fatos) como determinados itens linguísticos que aparecem em sua constituição. Do contrário, o meme não será compreendido e correrá o risco de não ser replicado. Outra característica do meme é a utilização de estratégias linguísticas que geram “humor”. Dessa maneira, a partilha de informações fica facilitada, seja para ofuscar determinado conteúdo ou para denunciar/criticar algum acontecimento da vida cotidiana (Candido; Gomes, 2015). Para efeitos de demonstração, tomemos a Figura 2:



Figura 2 – Meme com a atriz Glória Pires.

Fonte: Retirado do Google Imagens.

Em 2016, a participação da atriz Glória Pires como comentarista do Oscar causou uma “enxurrada” de memes. Estes foram constituídos a partir da colagem de frases ditas pela atriz, ao longo do programa, à sua imagem – particularizadas em diversas expressões faciais. Isso ocorreu porque a atriz não conseguia responder às perguntas de seus parceiros sobre as obras que concorriam ao prêmio, pois alegava que não havia visto tudo. Os memes da atriz viraram o assunto mais comentado da web naquele período. Em seu apoio, muitas pessoas repercutiram a *hashtag* #somostodosgloriapires (G1.Globo.com, 2016). Esses memes causaram certo desconforto à atriz. Contudo, há outras situações em que esse desconforto vem em forma de aversão. Esse é o caso de memes que colaboram com o discurso de ódio.

Metodologia de pesquisa

Considerando o objetivo geral deste estudo, qual seja, discutir a função dos itens lexicais pejorativos referentes aos partidários e/ou políticos de esquerda na criação de *memes* que alimentam o discurso de ódio na cena política brasileira, esta pesquisa cumpre o seguinte caminho metodológico: (1º) identifica os itens lexicais que recuperam anafórica e pejorativamente agentes partidários e/ou políticos de esquerda; (2º) captura *memes* na internet cuja construção parte desses itens lexicais pejorativos referentes a esses agentes; e, por fim, (3º) explicita as operações cognitivas envolvidas na criação de memes, tendo em vista os insumos advindos dos itens lexicais pejorativos referentes aos partidários e/ou políticos de esquerda. Para cumprir essa tarefa, opta-se pela *Linguística de Corpus* (LC) como metodologia de pesquisa, já que permite a criação e o exame consistente de um *corpus de estudo*. De acordo com Tony Berber Sardinha (2000, p. 325), a *Linguística de Corpus*:

ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador.

Dada à natureza de seu objeto, ou seja, itens lexicais marcados por traços políticos, os dados de pesquisa são oriundos da obra “*O País dos Petralhas*” (2008), do jornalista *Reinaldo Azevedo*. O corpus, identificado como “Corpus_Política”, foi compilado nos seguintes termos, observando os parâmetros apresentados por Sardinha (2000, p. 339-342):

Critérios definidores do <i>Corpus</i> Política		
Modo	Escrito	porções de texto impresso
Tempo	Contemporâneo	livro publicado em 2008
Seleção	Amostragem	a obra reúne artigos escritos, publicados em variante padrão, em blog, revista e jornal.
Conteúdo	Diastratia	variedade jornalística
Finalidade	Estudo	identificar itens lexicais com marcas políticas

Tabela 1 – Critérios de compilação de *corpus*.

Fonte: Autoria própria.

Para manipulação do *corpus* de estudo, a ferramenta computacional selecionada foi o *AntConc* (Anthony, 2020). Disponível gratuitamente para *download* na *Internet*, essa ferramenta permite realizar, em arquivos em *txt*, operações como: extração de palavras (*WordList*), listas de concordâncias (*Concordance*), palavras-chave (*KeyWords*), visualização do contexto no qual o item em foco ocorre (*File View*), entre outras funções. Para efeitos de demonstração, observemos a figura a seguir:

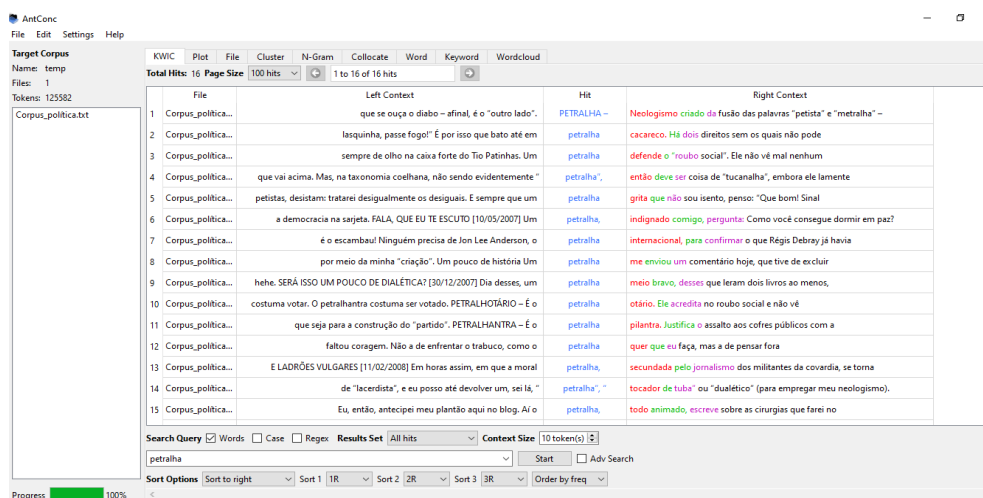


Figura 3 – *AntConc*: operando a ferramenta KWIC.

Fonte: Autoria própria.

Na Figura 3, temos a demonstração do funcionamento da função 'KWIC' (palavra-chave em contexto). Para tanto, selecionamos o termo “petralha”. Com essa ferramenta, podemos observar em que contexto do *corpus* essa palavra ocorre. Ao clicarmos na primeira ocorrência desse termo, o *AntConc* é direcionado para a função “File” que permite observar o termo no próprio *corpus*.

Resultados do estudo

Em “*Quando dizer é fazer*” (1990 [1962]), John Austin afirma que a linguagem tem um caráter performativo, ou seja, quando proferimos um ato linguístico, realizamos uma ação. Nesse contexto, dizer não é só comunicar, dizer é agir. Dessa forma, podemos afirmar que ao identificar adversários políticos com palavras pejorativas, estamos constituindo e/ou colaborando com um fenômeno que tem ganhado força nos últimos tempos: o *discurso de ódio*. Uma das estratégias que mais se destacam, na propagação desse tipo de discurso, é fenômeno a produção de *memes* na Internet. Neste estudo, considerando seu objetivo geral – discutir a função dos itens lexicais pejorativos referentes aos partidários e/ou políticos de esquerda na criação de *memes* que alimentam o discurso de ódio na cena política brasileira – apresentamos a seguir seus resultados, tendo em vista os dados oriundos do corpus de estudo.

Corpus de estudo: Dados quantitativos

Quanto às dimensões numéricas, o *Corpus Política*, apresenta 16.146 itens lexicais (*types*), distribuídos em 125.437 ocorrências (*tokens*). Do ponto de vista do *rank*, ou seja, da ordem de ocorrência dos termos lexicais, excluindo os itens funcionais, temos:

	<i>Type</i>	<i>Rank</i>	<i>Frequência</i>
01	Lula	46	266
02	Estado	64	171
03	Governo	67	167
04	PT	79	146
05	Esquerda	82	144
06	Democracia	87	134
07	Política	100	120
08	Partido	125	99
09	Direita	133	95
10	Presidente	166	76

Tabela 2 – *Rank* de palavras lexicais no Corpus Política.

Fonte: Autoria própria.

Diante desses itens lexicais, e considerando o conceito de frame discutido anteriormente (Cf. seção 2.2.1), podemos afirmar que o *corpus* em estudo é orientado pelo Frame POLÍTICA. Em outras palavras, esses itens evocam “objetos” de conhecimento que são interpretados a partir desse frame, quais sejam: *instituições* (Estado, Governo), *ideias* (Esquerda, Democracia, Direita, Política) e *atores sociais* (Lula, PT, Presidente). Cada um desses objetos estabelece esquemas estruturados – mas relativamente flexíveis – de comportamento social, seja de uma situação, um objeto ou um evento. A seguir, apresentamos uma descrição desse frame.

Frame POLÍTICA: Uma descrição a partir do corpus de estudo

Conforme o *Dicio – Dicionário Online do Português* (2022), a palavra *política* possui as seguintes acepções:

política
Significado de Política
substantivo feminino
Ciência do governo dos povos.
[Política] Direção de um Estado e determinação das formas de sua organização.
[Política] Mecanismo de orientação administrativa de Estados.
[Política] Conjunto dos negócios de Estado, maneira de os conduzir.
[Figurado] Maneira hábil de agir; astúcia.
[Figurado] Modo cortês e civil de agir; cortesia, civilidade.
[Figurado] Boa capacidade para se relacionar com outras pessoas.
Prática de oferecer direcionamentos ou de exercer influência no modo como algo (partido, opinião pública, eleitores etc.).
expressão
Ciência política. Ramo das ciências sociais que trata do governo e da organização dos Estados.
Etimologia (origem da palavra *política*).
Do latim *política*; pelo grego *politiké*.
Sinônimos de Política
Política é sinônimo de: [astúcia](#), [civilidade](#)
Definição de Política
Classe gramatical: **substantivo feminino**
Separação silábica: **po-lí-ti-ca**
Plural: **políticas**
Masculino: **nolítico**

Figura 4 – Significado de “política”.

Fonte: Dicionário Online do Português (2022).

Como podemos perceber, “política” envolve tanto uma ideia (ciência do governo dos povos; ramo das ciências sociais que trata do governo e da organização dos Estados), uma espécie de ferramenta (direção de um Estado e determinação das formas de sua organização; mecanismo de orientação administrativa de Estados), um fazer (conjunto de negócios de Estado, maneira de conduzir o Estado; prática de oferecer direcionamentos ou de exercer influência no modo como algo (partido, opinião pública, eleitores etc.), quanto um comportamento (maneira hábil de agir; astúcia; modo cortês e civil de agir; cortesia, civilidade; boa capacidade para se relacionar com outras pessoas). Em ideia, ferramenta, fazer, o frame evoca esquemas em que atores são posicionados dentro de instituições pertencentes ao conjunto da sociedade, tendo em vista ações diversas, ao passo que em comportamento, envolve uma capacidade especial de interagir com os outros – para o bem ou para o mal. Nesse contexto, apresentamos um esquema para o Frame POLÍTICA. Aliás, no corpus em estudo, mais que um frame, POLÍTICA se estrutura como um *macroframe* (Fonseca; Miranda, 2014). Em outras palavras, o macroframe POLÍTICA enquadra, entre outros, frames como ideia, ferramenta, fazer e comportamento. Considerando as palavras de maior ocorrência no corpus de estudo, denominaremos esses frames, respectivamente em: INSTITUIÇÕES, IDEIAS E ATORES. Em razão de “comportamento” ser traço da

capacidade sociocognitiva dos atores, assumimos que esse está contido no frame ATORES. Tal como apresentamos na Figura 5:

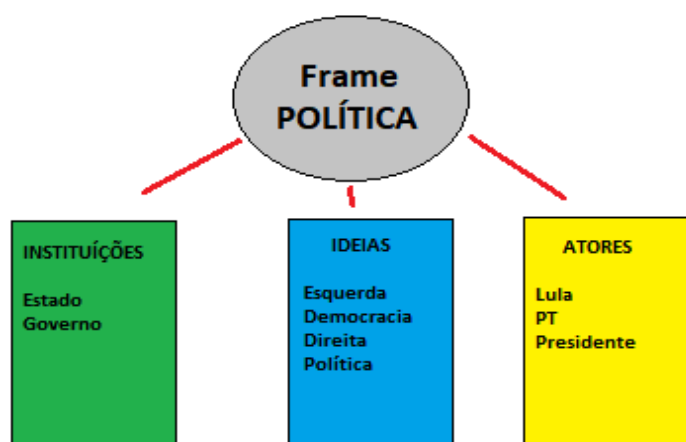


Figura 5 – Esquema do frame política.

Fonte: Autoria própria.

O Frame INSTITUIÇÕES reúne “ferramentas” de organização política do Estado. No nível federal, o Estado, representado pela Presidência da República, envolve ministérios, secretarias diversas, câmaras de deputados e de senadores, repartições diversas. Por outro lado, Governo envolve os procedimentos através dos quais o Estado é administrado, por exemplo: o Brasil, apesar de ser governado por um agente partidário, localizado à esquerda das ideias políticas, adota políticas mais liberais no mecanismo da economia de Estado. Já o Frame IDEIAS envolve sistemas ideológicos, filosóficos ou doutrinas. Aqui, temos: (1) Esquerda: corrente política que se opõe ao capitalismo ou aos regimes de direita, tradicionais e conservadores; (2) Direita: corrente política que se opõe à esquerda, aos comunistas ou socialistas; (3) Democracia: governo em que o poder é exercido pelo povo; sistema governamental e político em que os dirigentes são escolhidos através de eleições populares; e (4) Política: ciência do governo dos povos; maneira hábil de agir; astúcia; modo cortês e civil de agir; cortesia, civilidade; boa capacidade para se relacionar com outras pessoas. Por fim, o Frame ATORES abarca agentes individuais (Lula, presidente) ou institucionais (PT: partido político) que se movimentam dentro dos frames que compõem o macroframe POLÍTICA, cujos comportamentos específicos são esperados. Antes desta seção ser finalizada, vale destacar que essas noções apresentadas acima, foram retiradas do *Dicionário Online do Português* (2022)⁴. Essa escolha recai na facilidade da consulta *online*. Uma vez apresentado o “grande” frame que orienta o *corpus* desta pesquisa, apresentamos a seguir as nossas análises.

Léxico do ódio: Descrição morfológica

⁴ DICIO. Dicio - Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 04 de Outubro de 2022.

Dentro do Frame POLÍTICA, para a construção do discurso de ódio contra partidos e/ou políticos de esquerda, uma das estratégias usadas, dentro do *corpus* de estudo, foi à criação de *neologismos*, ou seja, formas linguísticas usadas pelos falantes, mas que ainda não se encontram nos dicionários formais, identificadores de agentes enquadrados pelo Frame ATORES dentro do macroframe POLÍTICA. Aqui, em ordem de frequência no corpus, destacamos os itens lexicais: petralha (16), esquerdopata (5), petralhantra (3), petralhotário (3), petralhada (2), esquerdofrênico (2), esquerdiota (1). Do ponto de vista da formação, identificamos dois processos de formação de palavras: composição vocabular (petralha, petralhanta, petralhotário, esquerdofrênico, esquerdiota) e derivação sufixal (petralhada, esquerdopata). Conforme Laroca (2003, 76-7), “a composição vocabular consiste na junção de duas ou mais palavras com ou sem redução da estrutura mórfica das bases”. Ou seja: palavra 1 + palavra 2 = palavra 3. Envolve pelos menos 03 processos: (1) por justaposição de duas bases livres ou presas (quebra-mola); (2) por aglutinação de duas bases (planalto); e (3) por truncamento da fragmentação das bases (junção: portunhol). Já a derivação sufixal envolve a junção de um sufixo a uma base (florista = flor + ista; saleiro = sal + eiro) (Laroca, 2003). Na Tabela 3, apresentamos essa descrição:

COMPOSIÇÃO VOCABULAR				DERIVAÇÃO	
AGLUTINAÇÃO		TRUNCAMENTO		DERIVAÇÃO SUFIXAL	
petralha	petista + metralha	esquerdofrênico	esquerda + esquizofrênico	petralhada	petralha + ada
esquerdiota	esquerda + idiota			Esquerdopata	esquerda + -pata
petralhantra	petralha + anta				
petralhotário	petralha + otário				

Tabela 3 – Descrição dos processos morfológicos dos neologismos do corpus de estudo.
Fonte: Autoria própria.

Como podemos observar, na Tabela 3, temos termos formados a partir da base *esquerda* (esquerdiota, esquerdofrênico, esquerdopata); e outros, a partir da base *petralha* (petralha, petralhantra, petralhotário, petralhada). Aqui, temos a relação entre o *agente* petralha e a *quantidade* petralhada (acrescida à base pelo sufixo *-ada*, como em *estudentada*). Vale ressaltar que, além do sentido de quantidade, petralhada ainda carrega um traço negativo como em *baianada*. De forma geral, as bases que formam esses termos, nos permite depreender seus significados. Mas aqui destacamos o significado de petralha e esquerdopata. Além de serem os itens com mais ocorrências no corpus de estudo, são os mais procurados na barra de buscas do Google, bem como evocam frames mais negativos, respectivamente: ROUBAR E ASSASSINAR.

<p>Petralha</p> <ul style="list-style-type: none"> Aproximadamente 85.000 resultados (0,37 segundos) 	<p>Substantivo <i>comum aos dois gêneros.</i> <i>(Brasil, crime, gíria, neologismo, política e século XXI)</i> termo pejorativo, criado pelo jornalista Reinaldo Azevedo para insultar de forma generalizada filiado ao <u>Partido dos Trabalhadores (PT)</u> que justifica o desvio de dinheiro público. <i>(Brasil, política, pejorativo e gíria)</i> apoiador(a) do político <u>Luiz Inácio Lula da Silva</u>, da política <u>Dilma Vana Rousseff</u> e do Partido dos Trabalhadores (PT). Antônimo: antipelhalha. Sinônimos: jumento, Mortadela, peteminion, petista.</p>
<p>Esquerdopata</p> <ul style="list-style-type: none"> Aproximadamente 85.000 resultados (0,49 segundos) 	<p>Substantivo [Gíria] De acordo com o pensamento de alguns grupos sociais, trata-se do sujeito acometido de doença mental grave denominada esquerdopatia em estágio terminal. Aquele que é militante de algum partido político de esquerda com características psicóticas. Um Comunista, Socialista, Marxista que tem noções distorcidas da realidade em razão da doutrinação ideológica sofrida em alguma fase da vida. Em razão da grave patologia, ignora os fatos e acredita em fragmentos da realidade ou em completas mentiras sobre o comunismo/socialismo.</p>

Tabela 4 – Significado de neologismos.

Fonte: Dicionário Informal (2022).

Léxico do ódio e a produção de memes: uma amostra retirada da internet

O meme como gênero digital, como vimos na seção 2.4, além de envolver qualquer tipo de texto digital, que é propagado em termos “virais” na *Internet*, pode se apresentar de diversas e/ou mescladas formas (imagem, vídeo, áudio, palavra ou frase), precisa do conhecimento dos interlocutores para acessar os *inputs* que compõem os memes criados. Estes, por sua vez, envolvidos majoritariamente pelo humor. Com já adiantado, partiremos de ocorrências de memes constituídos a partir dos termos petralha e esquerdopata, os quais foram descritos morfológicamente acima. Neste estudo, apresentamos 04 ocorrências extraídas da Internet, quais sejam: Meme 1 (Ouvido de petralha), Meme 2 (Choro de petralha), Meme 3 (O cérebro de um esquerdopata) e Meme 4 (Perfil psicológico dos esquerdopatas). Tais ocorrências são analisadas a seguir:



Meme 1 – Ouvido de petralha.

Fonte: Autor desconhecido. Retirado da internet.

O meme 1 é constituído por uma imagem que evoca intimidade entre uma casal, na qual uma mulher sussurra algo no ouvido de uma outra pessoa, que responde com um arrepio. Mas, em lugar de uma frase sexualmente provocativa, temos a expressão: “fale no ouvido de um petralha ... propina”. Temos nesse meme a insinuação de que os agentes de esquerda ficam excitados o ouvir esse termo.



Meme 2 – Choro de petralha.

Fonte: Autor desconhecido. Retirado da internet.

O meme 2 envolve a imagem de uma cena de dois personagens da animação *Toy Story* (1995). Nesse quadro, enquanto o Xerife Woody *Pride* chora, *Buzz Lightyear* rir. Sobre a imagem, há dois: na parte de cima, “choro petralha”, fazendo referência ao semblante do *Xerife Woody Pride*; na parte de baixo, temos “choro petralha para todo lado”, que enfatiza uma espécie de desesperos dos petistas diante da queda do governo Dilma Rouseff (2011-2016).



Meme 3 – O cérebro de um esquerdopata.

Fonte: Autor desconhecido. Retirado da internet.

O meme 3 é configurado a partir da cena final, do quadro humorístico a *Escolinha do Professor Raimundo*, no qual o personagem do humorista Chico Anísio (1931-2012), Professor Raimundo termina com a frase “E o salário, oh!”, ao mesmo tempo em que junta os dedos polegar e indicador para mostrar o tamanho do salário do professor, ou seja, “pequeno”. Ao fazer o trocadilho com “e o cérebro de um esquerdopata”, o meme, ao mesmo tempo que desqualifica a inteligência dos agentes de esquerda, provoca humor nos interlocutores.



Meme 4 – Perfil psicológico dos esquerdopatas
Fonte: Blog do Lana (2022).

O meme 4 é constituído dos seguintes *inputs*: o sintagma nominal “perfil psicológico dos esquerdopatas” e duas imagens. A princípio, o sintagma destacado traz uma referência negativa, pois o termo esquerdopata se relaciona diretamente com o termo psicopata. Entretanto, essa percepção é quebrada pelas imagens: no primeiro plano, temos uma figura infantilizada, que carrega figuras históricas estampadas no corpo, como as de *Che Guevara*, que pode ser associado ao Frame GUERRILHA. Entretanto, há uma contradição esboçada no balão, recurso das revistas em quadrinhos para expor o pensamento das personagens: “sou um neoliberal de esquerda, e daí?”. Ao mesmo tempo, essa mesma imagem passa a ideia de que o esquerdopata não possui capacidade de raciocínio lógico/crítico; já a imagem do segundo plano, emula uma espécie de soldado, cuja indumentária é composta pelo chapéu de Pol Pot, camisa de Mao, calça militar de Fidel Castro, óculos escuros de Kim Jong-I, cachecol da União Soviética, camisa de Che Guevara, bolsinha maoísta do Sendero Luminoso. Todas essas referências estão relacionadas ao Comunismo, responsabilizado por milhares de morte pelos adeptos da extrema direita do Brasil.

Minorias sociais, o ódio como política e o Código Penal Brasileiro

Como vimos anteriormente, a memificação do ódio pode ser compreendida como mais uma estratégia no fortalecimento do discurso de ódio, uma vez que amplifica, via redes sociais, o seu alcance. No caso da cena brasileira, a memificação *do ódio* contra os partidários e/ou políticos de esquerda, acontece associada, sobretudo, a chamada pauta de costumes que, marcada pelo conservadorismo ideológico, envolve tanto temas relativos à política de Estado (direção econômica, assistência social, relações internacionais, etc.), como relativos a comportamentos sociais (visão de família, tabus, valores morais e religiosos). Nesse contexto, traços negativos atribuídos às minorias políticas – mulheres, negros, indígenas, pobres, comunidade LGBTQIA+ – são correlacionados também aos agentes de Esquerda. Para ilustrar, observemos a ocorrência a seguir:



Meme 5 – Revolução de Esquerda.

Fonte: Retirado da internet. Autor desconhecido.

No meme 5, temos uma espécie de “compilado” do que seria os valores sociais e ideológicos propagados pela Esquerda, personificados em algumas imagens que esboçam “comportamentos”: (i) representação feminina - a travesti Pablio Vittar; (ii) representação masculina - o transsexual masculino Thammy Miranda; (iii) representação infantil - um anão fantasiado no carnaval; (iii) núcleo familiar branco como expressão da opressão; (iv) presidiários como manifestação dos oprimidos; (v) política reduzida a relação entre políticos de Esquerda com a comunidade LGBTQIA+; (vi) cultura reduzida ao reconhecimento do movimento funk; (vii) arte reduzida apenas a expressão do corpo nu – ou seja, ao sexo; (viii) pensamento crítico representado por uma mulher fazendo xixi na rua. Para o autor do meme acima, os partidos e políticos de Esquerda não só desejam como são responsáveis por destruir, dentro de suas convicções, os bons costumes, a família, a política brasileira, os quais foram invadidos pela “ideologia de gênero”.

Diante disso, podemos afirmar que, por meio da memificação do ódio, cria-se e dissemina-se conteúdos que manifestam um tipo de aversão a algo e/ou a alguém, cuja visão de mundo se afasta desses sujeitos engajados. Este estudo, como já salientado, foca essa aversão contra os partidos de esquerda, em especial o PT, uma vez que este foi o alvo mais proeminente dentro da era digital. Cabe salientar que esse fenômeno político pode ocorrer por diversos fatores sociais. Porém, de acordo com Andreia Santos (2022), a estratégia de propagar discurso de ódio contra partidos de esquerda no contexto brasileiro tem ocorrido graças a uma negligência conveniente da mídia no país que, ao se descuidar de determinados discursos, publica conteúdo de ódio sem questionar criticamente os seus efeitos na sociedade. Graças a isso, desde 2019, com a lei 13.834, o discurso de ódio, quando suscita *injúria* ou *calúnia*, em campanhas eleitorais no Brasil, tornou-se uma prática ilegal. Na tentativa de coibir essa atividade que atenta contra os valores democráticos, o legislativo brasileiro determina:

... dar causa à instauração de investigação policial, de processo judicial, de investigação administrativa, de inquérito civil ou ação de improbidade administrativa, atribuindo a alguém a prática de

crime ou ato infracional de que o sabe inocente, com finalidade eleitoral. (Lei nº 13.834, 2019, art. 326-A).

No entanto, essa lei tem sido pouco utilizada no combate do discurso de ódio, visto que esse discurso vai além de apenas atribuir a alguém a prática de crime ou ato infracional para fins eleitorais (Solano, 2018). Destarte, quando a vítima se sente lesada ao ponto de não se sentir defendida pela lei 13.834, ela pode recorrer ao Código Penal Brasileiro (CP, 2022), especificamente, nos artigos sobre *injúria* e/ou *calúnia* (CP, 2022, art. 138 – 140). O CP define injúria nos seguintes termos: “injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro: pena - detenção, de um a seis meses, ou multa”. Logo, a prática de injúria se configura como a ação de atribuir palavras ou qualidades ofensivas contra algum indivíduo. Em casos mais graves, quando o discurso de ódio é composto por uma injúria racial, o agente da ilicitude pode ser condenado sem direito a fiança. Diferente da injúria, a calúnia se configura na ação de imputar fato criminoso contra alguém, sabendo de sua inocência. Dessa forma, a lei 13.834 advém do artigo de calúnia no Código Penal, havendo apenas a extensão dos seus efeitos para o Direito Eleitoral. Portanto, o discurso de ódio, pela calúnia, consiste em afastar eleitores de um candidato político, circulando notícias falsas pela mídia, cujo conteúdo atribui fato criminoso contra a vítima.

Para encerrar essa seção, cabe salientar que, para qualquer uma dessas estratégias, tanto o discurso de ódio quanto o processo de memificação, partem do signo linguístico, sendo assim, os estudos da linguagem humana tem papel fundamental na identificação e funcionamento dessas estratégias. Logo, precisamos estar atentos, haja vista a defesa de uma arena pública mais segura para todos.

Considerações finais

Em resumo, o discurso de ódio é utilizado como estratégia política, porque “o ódio, originalmente, é uma forma de aversão profunda, causada pelo medo ou pela raiva” (Manus, 2018, p.7). Ou seja, esse discurso pode ser interpretado como manifestação das frustrações de certos grupos da sociedade, identificados com a ideologia dos partidos políticos de direita e/ou extrema-direita, que se sentiram menosprezados ou alijados de seus direitos durante o período (quase 16 anos) em que o cargo máximo do poder executivo do país foi governado por um partido de esquerda (Vinha, 2016). Com os dados oriundos do corpus de estudo, compilado a partir da obra *O País dos Petralhas* (2008), esta pesquisa identificou os itens lexicais mais frequentes, os quais permitiram descrever o Frame POLÍTICA, dentro do qual foram configurados neologismos identificadores de atores políticos. Dentre os quais destacamos petralha e esquerdopata: a primeira, resultante de composição vocabular por aglutinação (petista + metralha) e a segunda, derivação sufixal (esquerda + pata). Como vimos, esses termos entram na composição de memes. Que vão desde ocorrências mais “leves e engraçadinhas” até mais “densas e pesadas” do ponto de vista dos inputs envolvidos. Aqui apresentamos a primeira categoria.

O fato é que, com o advento da *Internet*, os grupos sociais adversário levaram para o mundo virtual suas disputas. Nessa pesquisa, exploramos o

discurso de ódio através da criação de memes, tendo em vista neologismos extraídos de um corpus de estudo. A pesquisa demonstrou que esses neologismos possuem um grande alcance de sentido, dado os frames que evocam. Essa operação que é cognitiva vai registrando na mente dos interlocutores itens lexicais que carregam ideias sobre determinados atores sociais - aqui partidos e políticos ligados a esquerda. Essas ideias vão alimentando a aversão entre esses grupos sociais, a ponto de provocarem instabilidade na sociedade. Nunca se falou tanto em “polarização política” como nos últimos anos.

Esse fato demonstra que realmente linguagem é ação. E esse tipo de discurso, que ganhou força nas redes sociais haja vista a rapidez de sua propagação, sobretudo por meio do fenômeno da memificação, destroem reputações de pessoas, de empresas, e fragiliza o funcionamento das instituições de um país. Nesse contexto, cabe a Linguística assumir uma posição mais “engajada” diante de temas que nos assaltam diuturnamente, a fim de explicar como a linguagem ordinária funciona e que inocência não é uma coisa que há constitui, mesmo que venha em forma de um simples meme.

Referências

ALVES, Ieda Maria. *A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português*. Alfa, São Paulo 28(supl.): 119-126, 1984.

ANTHONY, Laurency. *Lawrence Anthony Website (AntConc)*, 2017. Disponível em &60; <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/&62;> Acesso em fevereiro de 2020.

ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

AZEVEDO, Reinaldo. *O país dos petralhas*. São Paulo: Editora Record, 2008, 338 p.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus: histórico e problemática*. In: DELTA [online]. Vol. 16, n. 2, 2000, p. 323-367.

BASÍLIO, Margarida. *O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais*. Veredas, (1): 1, p. 09-21, 1997.

BIDERMAN, Maria. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

BLOGDOLANA. *Doença da esquerda*. Disponível em: <https://blogdolana.wordpress.com/tag/esquerdopatas>. Acesso em 21 de Maio de 2022.

CASIMIRO, Flávio H.C.. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. In: GALEGO, Esther Solano (Org.). *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil*. Coleção Tinta Vermelha. São Paulo: Boitempo, 2018, 128 p.

CANDIDO, Evelyn Coutinho Rother; GOMES, Nataniel dos Santos. Memes – Uma linguagem lúdica. Rio de Janeiro: *Revista Philologus*, 2015. [pdf]

- CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. Introdução à Linguística Cognitiva. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009. [pdf]
- COSTA, Roberto S. (Hiper)textos ciberespaciais: mutações do/no ler-escrever. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 102-116, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 04 de Outubro de 2022.
- DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*, 1976. [pdf].
- DICIO. Política. *Dicio* - Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/politica>. Acesso em: 04 de Outubro de 2022.
- DIAS, Tatiana. Facebook lucrou com posts incentivando violência no 7 de Setembro, diz relatório. *The Intercept*. Disponível em: <https://theintercept.com/notas/facebook-lucrou-com-posts-incentivando-violencia-no-7-de-setembro-diz-relatorio/> Acesso em: 04 de Outubro de 2022.
- DUNKER, C Christian I.L. *Lacan e a democracia: Clínica e crítica em tempos sombrios*. São Paulo: Boitempo, 2022, 310 p.
- DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e Cognição: Uma abordagem baseada em frames. *Revista da Anpoll*, 2015.[pdf]
- FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: Linguistic Society Of Korea (ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, p. 111-137, 1982.
- FONSECA, C.A. MIRANDA, N. S.; A semântica de frames como instrumento para a análise do discurso discente - marcadores de sucesso em um projeto escolar de dramaturgia. *Signo* (UNISC. Online), v. 39, p. 79-88, 2014. [pdf]
- G1.GLOBO.COM. Oscar 2016: Gloria Pires comenta participação na transmissão. *Globo.com*. 29/02/2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2016/noticia/2016/02/gloria-pires-comenta-participacao-na-transmissao-do-oscar.html#:~:text=%22N%C3%A3o%20precisaria%20participar%20da%20cerim%C3%B4nia,sou%20comentarista%2C%20sou%20uma%20atriz>. Acesso em: 04 de Outubro de 2022. Acesso em: Acesso em: 04 de Outubro de 2022.
- GONDIM, Linda M. P. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013. *Open Edition Journals*. Disponível em: <https://journals.openedition.org/polis/11944#text>. Acesso em: 03 de Outubro de 2022.
- GUIMARÃES, R. S.; BRAGA, C.. “Meu twitter, minhas regras”: as pautas de costumes na educação bolsonarista. *Revista Eletrônica de Educação*, v.14, 1-20, e4568140, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/198271994568>. Acesso em: 06 de junho de 2023.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- RESCK, Guilherme; SABBADIN, Paulo. Guerra divide em grupos internos tanto petistas quanto bolsonaristas. *SBTNews* 06/03/2022. Disponível em: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/brasil/197852-guerra-divide-em-grupos-internos-tanto-petistas-quanto-bolsonaristas>. Acesso em: 03 de Outubro de 2022.

SALOMÃO, M.M.Martins 1997. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *Veredas*, Juiz de Fora: EDUFJF, v.1- n. 1. Jul/dez.

SANTOS, Andrea. Comunicação e política, fake news e prestação de contas foram temas do Forma Alepa na Região Tapajós. *Alepa*. 29/04/2022. Disponível em: <https://www.alepa.pa.gov.br/noticia/7254/>. Acesso em: 21 de Maio de 2022.

SARDINHA, Tony. Linguística de Corpus: histórico e problemática. *DELTA* [online]. Vol. 16, n. 2, 2000, p. 323-367.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo G.C.; SANTOS, Rodrigo H. Discurso de ódio Da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília a. 52 n. 207 jul./set. 2015 p. 143-158.

SCOFIELD, Laura; FONSECA, Nathallia. Tiktok e Kwai levam desinformação sobre urnas e forças armadas ao Whatsapp. *Revista Galileu*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Politica/noticia/2022/09/tiktok-e-kwai-levam-desinformacao-sobre-urnas-e-forcas-armadas-ao-whatsapp.html>. Acesso em: 04 de Outubro de 2022.

SILVA, Augusto Soares de. *A Linguística Cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística* 1997b. Disponível em: <http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>. Acesso em: Setembro de 2022.

SOLANO, Esther. *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

VINHAL, Gabriela. Após 14 anos no poder, governo do PT é interrompido pelo impeachment. *Correio Braziliense* Disponível em: correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2016/05/12/interna_politica,531510/apos-14-anos-no-poder-governo-do-pt-e-interrompido-pelo-impeachment.shtml. Acesso em: 04 de Outubro de 2022.

WIKIPÉDIA. *Meme (Internet)*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet)). Acesso em: 03 de Outubro de 2022.

Para citar este artigo

SILVA, João Vichor Alves; CARMO, Crysna Bomjardim da Silva. Léxico do ódio e a produção de memes: um estudo à luz da Linguística Cognitiva. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 478-502, maio-ago. 2024.

Autoria

João Vichor Alves da Silva é mestrando em Estudos Linguísticos na Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus X. Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de. Bacharel em Direito, pela Faculdade Anhanguera de Teixeira de

Freitas. E-mail: joaovicthor7@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6115-9304>.

Cryсна Bomjardim da Silva Carmo é doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG]. Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora [UFJF]. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia [UNEB]. Docente do quadro permanente do Programa de Mestrado em Letras (PPGL) do Departamento de Educação – Campus X da UNEB. Vincula-se ao Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens [GEICEL]. E-mail: ccarmo@uneb.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6886-8784>.